

RINOCERONTE — UM DESAFIO À CONSERVAÇÃO

O rinoceronte, tal como as poucas espécies de grandes mamíferos que ainda sobrevivem na Terra, está hoje reduzido a pequeno número de exemplares, merço, em especial, do massacre implacável de que têm sido vítimas por parte do Homem.

Mas se, em relação às baleias, por exemplo, as medidas tomadas a nível internacional têm sido, em geral, seguidas e se assiste a uma lenta recuperação de efectivos, no caso dos mamíferos terrestres e, designadamente, quanto ao rinoceronte, a situação é, infelizmente, bem diferente.

As causas podem atribuir-se a destruição da floresta, que reduziu, drasticamente, a sua área de distribuição, e a procura desmedida do corno de rinoceronte, utilizado para fins medicinais e como afrodisíaco, na Ásia, procura essa que foi uma das grandes responsáveis pelo abate indiscriminado destes animais. O rinoceronte da Índia foi quase extinto no princípio deste século, mas a criação de reservas e a proibição da sua caça permitiram salvar a espécie, embora restringida a um pequeno número de áreas protegidas. O rinoceronte de Java, que tivera grande expansão no próprio continente asiático, está hoje reduzido a uma exígua meia centena de animais na Ilha de Java.

Igualmente trágica foi a sorte do "rinoceronte negro", que no século passado se dispersava de uma costa à outra do continente africano. Contudo, o abate maciço de que foi alvo reduziu-o a uns 65 000 exemplares em 1970, dos quais só restavam 6 000 quinze anos depois. Considera-se que será muito difícil evitar o seu extermínio total até ao fim dos anos noventa, excepto quanto às populações mantidas na África do Sul.

Situação idêntica ocorre com o imponente "rinoceronte branco", virtualmente extinto na extensa área que ocupara e que só pode ser encontrado agora, tal como o "rinoceronte negro", no sul do continente. É de recear portanto que, dentro de breve, seja praticamente impossível observar-se este lendário animal pastando tranquilamente nos seus vastíssimos habitats tradicionais. A curto prazo, só será



possível disfrutar esse espectáculo magnífico num escasso número de áreas protegidas, nos continentes asiáticos e africanos.

Mas não são apenas as facetas estética e cultural que sofrerão com esse desaparecimento. No caso do "rinoceronte negro", por exemplo, esse facto terá sérias consequências ecológicas, pois, alimentando-se esta espécie de raminhos de árvores e arbustos, evita a excessiva proliferação destas. Tal facto tem especial importância no caso das jovens plantas de acácia espinhosa, pelas quais aquela espécie tem especial apetência.

Encarando agora a situação destas espécies no contexto do património natural da Terra, a sua quase extinção apresenta indiscutível relevância.

De facto, constitui hoje uma preocupação a nível internacional a conservação da diversidade biológica. Esta refere-se à variedade e à variabilidade de todas as formas de vida do planeta, dos microrganismos às plantas e animais. Não se refere concretamente as existências das diferentes populações, mas sim ao grau de variedade que se encontra na natureza.

Por isso, também, a importância da manutenção da diversidade de habitats e ecossistemas.

A biodiversidade é essencial para garantir um desenvolvimento sustentável, pois este apoia-se, também, num infindável número de produtos, obtidos a partir dos recursos vivos, para a alimentação, indústria etc.

A manutenção da totalidade da gama de formas de vida e, assim, essencial, quer pelo direito próprio de cada espécie a sua sobrevivência, quer pela eventualidade futura da sua possível utilização em benefício do homem, se outras razões não militassem nesse sentido. É neste enquadramento que devemos, agora perspectivar a luta pela sobrevivência do rinoceronte, como forma de pôr à prova a vontade da comunidade internacional na extraordinária tarefa de conservar a biodiversidade.

Para isso, é indispensável e urgente a mobilização de todos os esforços, a todos os níveis, nacional e internacional, para que, não só o rinoceronte, mas todas as restantes formas de vida, continuem a desempenhar as suas funções nos ecossistemas em que estejam integradas.